



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do falecimento do papa João Paulo II

Roma - Itália, 08 de abril de 2005

Jornalista: Então, Presidente, é sobre as impressões que o senhor teve , que o senhor deu hoje, na cerimônia que antecedeu o sepultamento do Papa João Paulo.

Presidente: Eu creio que a humanidade assistiu, hoje, à consagração de toda a pregação histórica do Papa, porque eu não conheço outro momento na história em que a representatividade política e religiosa estava tão plural. Primeiramente, todas as religiões, mesmo aquelas que vivem em conflito com a religião católica, estavam presentes prestando homenagem ao Papa. Em segundo lugar, o peso da representação política dos países que estavam aí, demonstra que o Papa fez mais do que história, ele nos ensinou a arte da convivência na adversidade. E eu acho que este enterro de hoje foi um marco na nossa vida. Primeiramente, por causa da grandiosidade do ato em si: esta quantidade de gente, de autoridades, de religiosos, de jovens de todo o mundo, as bandeiras de vários lugares tremulando naquela praça. Em segundo lugar, o fato de o Brasil ter conseguido colocar, no mesmo momento e na mesma hora, um presidente e três ex-presidentes da República, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, o Presidente da Câmara dos Deputados, o Presidente do Senado, demonstra que nós aprendemos as lições e as pregações políticas do Papa. Ou seja, conseguimos tirar as nossas diferenças, sentar no mesmo lugar, viajar no mesmo avião, e provar que somos capazes de ser civilizados na política quando queremos ser. Depois, uma outra cena importante foi a entrada do Bush, do pai, do Clinton, da Condoleezza, como se não fossem adversários políticos, como se não tivessem disputas políticas; ou seja, uma



demonstração de que o Papa sempre mexeu com a cabeça de todos nós. E uma coisa interessante era a gratidão das pessoas de terem vivido esse momento; ter tanta gente, em um único lugar, reverenciando uma pessoa que passou pelo mundo, viajou por mais de cem países, foi aplaudido, contestado, mas deixou a sua marca. Eu acho que essa marca que o Papa deixou, a marca da tolerância, da perseverança, da resistência, da luta pela paz, mexeu com todos aqueles que vieram aqui – os outros que não vieram, foi porque não puderam vir. Eu acho que, não sei se em algum outro momento da história, eu não me lembro de nada igual, se neste século a gente conseguiria repetir a magnitude deste ato que houve hoje. Para mim foi muito forte.

Jornalista: Presidente, o que foi que o senhor sentiu?

Presidente: Eu penso que eu senti o que a maioria das pessoas sentiu, ou seja, este homem, mesmo quando as pessoas discordavam dele, as pessoas o respeitavam porque ele tinha aquilo que toda pessoa tem que ter: um pouco de ousadia, um pouco de, eu diria, um pouco não, muita tolerância, muita perseverança, e conduziu a nossa mente, consciente e inconsciente, para compreendermos, no final da sua vida, que tinha valido a pena fazer o que ele fez. Eu não sei se na história tantos presidentes americanos vieram à morte de um Papa, ao enterro de um Papa, em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes, eu não sei em que momento. Eu não sei em que momento da história se conseguiu juntar tantas religiões diferenciadas, e todo mundo emocionado, sabendo que estava prestando uma última homenagem a alguém que é o maior exemplo de que a vida vale a pena, e que nós precisamos tirar desta nossa passagem pelo mundo uma única lição: é muito melhor a gente ser justo, é mais fácil a gente ser bom, é mais fácil a gente ser solidário do que a gente não fazer as coisas.



Jornalista: Presidente, é isso que é ser um bom católico?

Presidente: Não, eu não sei o que é ser um bom católico. Eu sei o que cada um tem que ser. Eu acho que nós temos que ser, antes de tudo, bons seres humanos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu não sei, eu acho que ele teve muito a ver com a vida do Walesa, obviamente que teve, porque eu conheci o Walesa aqui em Roma, em 1980, o Papa foi eleito em 1978 e, obviamente, a eleição do Papa naquele instante teve uma força brutal para consolidar a democratização do Leste europeu e, sobretudo, a Polônia. Então, ele teve um papel extremamente importante.

Jornalista: Presidente, a presença do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso na comitiva, dentro desse sentimento que o senhor revelou que toda a trajetória do Papa inspira, foi uma declaração de paz em relação ao ex-Presidente, já que os senhores tiveram algumas diferenças nos últimos tempos?

Presidente: Eu penso que as diferenças entre os políticos é uma coisa que deve ser vista com uma certa naturalidade. Quando você vê um jogo de futebol que tem dois companheiros que jogam juntos na Seleção – vamos pegar o caso de uma disputa entre Real Madri e Barcelona, que vai se dar esses dias – você vai ver que os Ronaldinhos estão em times diferentes, são amigos, são íntimos, e eles vão, e cada um vai querer ganhar o seu jogo, cada um vai querer fazer a melhor partida e marcar mais gols.

Na política tem essas mesmas diferenças. Nós poderemos, em algum



momento, estar disputando alguma coisa. Isso vale para disputas internas de cada partido, mas tem momentos que você tem que estar junto. Então, eu não vejo por que. Eu tenho relação de amizade com o presidente Fernando Henrique Cardoso de quando ele não era sequer eleito senador, ele era suplente de senador, eu tenho amizade com ele. Então, eu tenho que tratá-lo de forma civilizada, e ele a mim. No momento em que a gente tiver que ter disputas, vamos tê-las. Mas eu acho que tem muito mais momentos de confluência do que de disputas, porque a disputa se dá em momentos eleitorais.

Eu acho que além dele, a vinda do Sarney foi muito importante, a vinda do presidente da Câmara, a vinda do Nelson Jobim, a vinda do Renan, eu encontrei o Itamar. O fato mais inusitado, que vocês não puderam ver foi, ao sairmos do enterro, estarem juntos Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, José Sarney e eu. Ou seja, eu não sei em que momento da história do Brasil se conseguiu juntar quatro presidentes do Brasil. Não tinha nem fotógrafo nosso, porque o Stuckinha não pôde entrar. Eu fui pedir para o fotógrafo do Chirac tirar uma fotografia nossa, para que a gente tenha isso como recordação, como história.

Jornalista: Os quatro chegaram a conversar alguma coisa?

Presidente: Conversaremos muito. Você imagine quatro políticos juntos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, eu só vou contar um exemplo para vocês. Eu tinha um irmão que era militante político, que tinha discordância das minhas aptidões políticas, da minha vocação política. E qual era o trato que eu tinha com o meu irmão? Olha, quando a gente se encontrar, quando tu for à minha casa, a gente não



discute política. Então, eu não ia convidar esses companheiros para viajarem juntos para discutir divergências com eles, dentro do avião, num espaço em que você não tem nem como evitar, sair. Nós transformamos o ambiente da viagem num ambiente de companheiros, de conversas que pudessem ser agradáveis...

Jornalista: lembrando lutas comuns para a democratização...

Presidente: Todos nós, em algum momento, participamos de coisas conjuntas. E eu fechei a viagem apresentando para todos eles, eles não tinham visto ainda, o filme Pelé Eterno, depois assistimos outro filme. Então, eu penso que foi uma coisa que pode se repetir.

Eu sonho que, um dia, nós poderemos ter as divergências que quisermos ter, mas tem momentos em que nós nos tornamos seres humanos um pouco superiores às nossas disputas internas e nós podemos conversar sobre problemas de interesse comum do país, sem nenhum problema. Eu acho que esse é o mundo que nós queremos criar e eu acho que o Brasil está preparado.

Além disso, a conversa com a quantidade de bispos brasileiros, com os cardeais, muitos deles estavam surpresos de ver tantos presidentes juntos. E, num determinado momento, entrou o Chirac para tirar fotografias, depois entrou o ex-primeiro-ministro de Portugal, Durão Barroso, numa demonstração da consagração que foi o enterro.

Jornalista: Presidente, amanhã o senhor passa o dia aqui e nós não sabemos da agenda do senhor, por enquanto. O senhor pretende se encontrar com os cardeais brasileiros, especificamente com dom Cláudio?

Presidente: Não, veja, eu já conversei com dom Cláudio, hoje. Dom Cláudio



agora deve estar com a cabeça... ele e os cardeais brasileiros devem estar pensando agora no que vai acontecer nos próximos dias e deve ser uma tarefa muito difícil.

Jornalista: Com é que foi a conversa, Presidente?

Presidente: Boa, eu sou amigo dele há muitos anos. Eu, se puder amanhã, quero conhecer Assis. Eu quero ir ao túmulo de São Francisco de Assis, ou seja, vai depender do tempo. No domingo de manhã eu tomo café com o Prefeito de Roma e com o D'Alema e, ao meio dia, embarcamos para Camarões.

Jornalista: Presidente, só o sentimento do senhor, desse conagraçamento político, em relação ao Presidente do Senado e ao Presidente da Câmara. O senhor sabe que o Presidente da Câmara, também, no final das contas...

Presidente: Na prática, se um dia vocês forem Presidente da República, vocês vão perceber que em determinadas coisas é bom não se meter.

Primeiro, eu não podia ter candidato. E não é prudente que um Presidente da República tenha candidato a uma outra coisa que não seja o seu próprio cargo.

Segundo, depois de eleitos, as pessoas têm que ser respeitadas no exercício da sua função. O presidente da Câmara dos Deputados do Brasil é o Severino; o presidente do Senado é o Renan. Então, é com eles que eu tenho que estabelecer os acordos políticos, é com eles que eu tenho que definir prioridades, é com eles que eu tenho que trabalhar. Então, tanto eu sou para eles o Presidente da República como eles são, para mim, os Presidentes das Casas.

Então, para mim, o processo eleitoral termina quando tem a apuração.



Depois, o resto, tudo é ressentimento. Eu acho que nós temos que aprender a conviver pensando muito mais no futuro do que ficar lamentando o passado. Ou seja, tiremos as lições do passado, mas vamos projetar o futuro. E o futuro é que nós queremos que o Brasil continue crescendo, que o Brasil continue gerando empregos, que o Brasil continue dando certo, porque eu sou daqueles que acreditam que o Brasil vai ser o país do século XXI. Eu trabalho com isso na minha cabeça, ou seja, se o século XIX e o século XX foram da Europa e dos Estados Unidos, o século XXI tem que ser nosso. E ele não depende do presidente Bush, ele não depende do presidente Chirac, depende de nós, brasileiros. Então, é isso que eu quero construir.

Jornalista: Na política o senhor pode não ter candidato, mas na Santa Sé, o dom Cláudio é o seu candidato?

Presidente: Veja, nessas coisas a gente não pode dar palpite porque, daqui a pouco, vão me colocar como cabo eleitoral de dom Cláudio. Obviamente que eu seria o mais feliz dos seres humanos se dom Cláudio fosse eleito Papa. Se não fosse ele, que fosse alguém da América do Sul; se não fosse da América do Sul, da América Latina, que fosse alguém mais próximo de nós.

Mas como é um colégio eleitoral muito especial – você viu ali que os Cardeais são todos homens de muita experiência – e vão ficar aqui algum tempo trancados nas suas experiências, eu prefiro não dar palpite.

Jornalista: Presidente, o senhor comungou?

Presidente: Comunguei.

Jornalista: E o senhor tinha se confessado antes?



Presidente: Não precisa, porque eu sou um homem sem pecado.